

IESS

INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR

Conjuntura - Saúde Suplementar

24º Edição - Abril de 2014

SUMÁRIO

Conjuntura - Saúde Suplementar

Apresentação	3
Seção Especial	5
Nível de Atividade	8
Emprego	9
Emprego direto em planos de saúde	10
Renda	10
Consumo	11
Inflação	12
Câmbio	13
Mercado de Juros e Crédito	13
Síntese do Cenário Macroeconômico	15

Apresentação

No 4º tri/2013, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 0,7% em relação ao 3º tri/2013 e acumulou no ano uma variação de 2,3%. Devido a esse crescimento, o PIB totalizou R\$ 4,8 trilhões em 2013, o que resultou em um PIB per capita de R\$ 24.065. Esse valor é 1,4% superior ao valor referente a 2012.

O crescimento acumulado do PIB brasileiro em 2013 (2,3%), comparado a países do G-20 (grupo formado pelos 19 países com as maiores economias do mundo mais a União Europeia), ficou atrás de outros emergentes como Indonésia (5,8%), Índia (4,4%) e Coréia do Sul (2,8%) (OECD Stat).

Todos os grandes setores da economia tiveram variação positiva em 2013, mas a maior contribuição para o crescimento do PIB veio da Agropecuária, que acumulou variação de 7,0% em 2013. Já no setor de Serviços, todas as atividades que o compõem apresentaram variação positiva em 2013, o que resultou em um crescimento do setor de 2,0%.

Já a Indústria foi o setor que menos cresceu (1,3%). Esse desempenho modesto do setor de indústria foi influenciado pelo resultado negativo da indústria extrativa mineral, que acumulou queda de 2,8% (IBGE). Esse subsetor industrial tem participação de 16,5% no PIB da Indústria. As influências positivas foram da construção civil e da indústria de transformação, que cresceram ambas 1,9% e têm participação de 21,8% e 52,3%, respectivamente, no PIB da Indústria.

Quanto ao desempenho do mercado de trabalho, ele está diminuindo o ritmo de crescimento. No total, em 2013 foram criados 1.091.867 novos empregos formais em todos os setores. Contudo, esse número representa uma queda de 20,5% em relação a 2012.

Diante disso, o Conselho de Política Monetária (Copom), na sua 181ª reunião em fev/2014, con-

siderou que a baixa margem de ociosidade no mercado de trabalho traz risco de concessão de aumentos de salários incompatíveis com o crescimento da produtividade, com repercussões negativas sobre a inflação.

Em relação aos setores, destaca-se o mercado de trabalho da Agricultura, que acumulou em 2013 mais demissões do que admissões de empregados formais (-8.021), apesar do seu desempenho positivo na economia. O setor de serviços, que tem por característica ser um setor mais intensivo em mão-de-obra, teve o maior saldo líquido de postos de trabalho: 566.664.

Apesar da desaceleração do crescimento do saldo de vagas de emprego formais, os planos coletivos empresariais cresceram 6,7% em 2013

Apesar da desaceleração na criação de empregos, o setor de saúde suplementar apresentou desempenho positivo em 2013, quando observado o tipo de contratação empresarial. O número de beneficiários de planos coletivos empresariais cresceu 6,7% entre dez/12 e dez/13. No total, o número de beneficiários da saúde suplementar (planos médico-hospitalares) cresceu 4,6% nessa mesma comparação.

Na Seção Especial dessa edição da Conjuntura da Saúde Suplementar, o setor de saúde, com destaque para a saúde suplementar, é analisado do ponto de vista do mercado de trabalho e do seu potencial de criação de novas ocupações na economia.

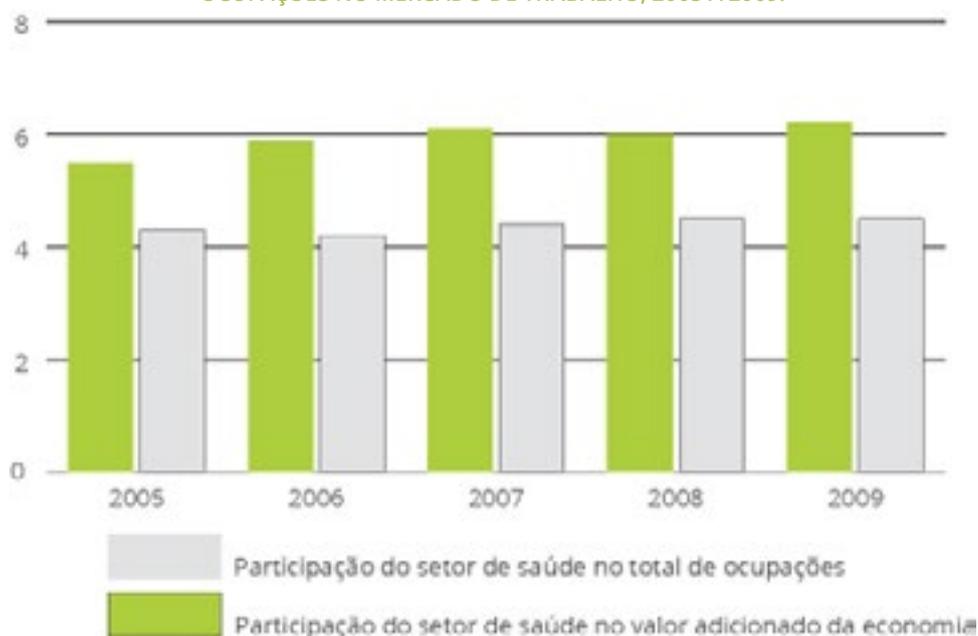
Seção Especial

O Setor de Saúde e a geração de postos de trabalho

O MERCADO DE TRABALHO NA CADEIA PRODUTIVA DA SAÚDE

Com uma maior demanda por serviços de saúde, gerada pelo aumento da renda, envelhecimento populacional e outros fatores, o setor de saúde, considerando todas as atividades econômicas relacionadas a bens e serviços de saúde, tem aumentado sua representatividade na economia brasileira. A participação das atividades de saúde no valor adicionado da economia brasileira, ou seja, sua participação no quanto o país gerou de renda, foi de 5,5% em 2005 e aumentou para 6,2% em 2009 (Conta Satélite de Saúde 2007-2009/IBGE¹) (Gráfico 1).

GRÁFICO 1: PARTICIPAÇÃO DO SETOR DE SAÚDE NO VALOR ADICIONADO DA ECONOMIA E NO TOTAL DE OCUPAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO, 2005 A 2009.



Fonte: Contas-Satélites de Saúde/IBGE 2005-2007 e 2007-2009.

O SETOR DE SAÚDE SUPLEMENTAR

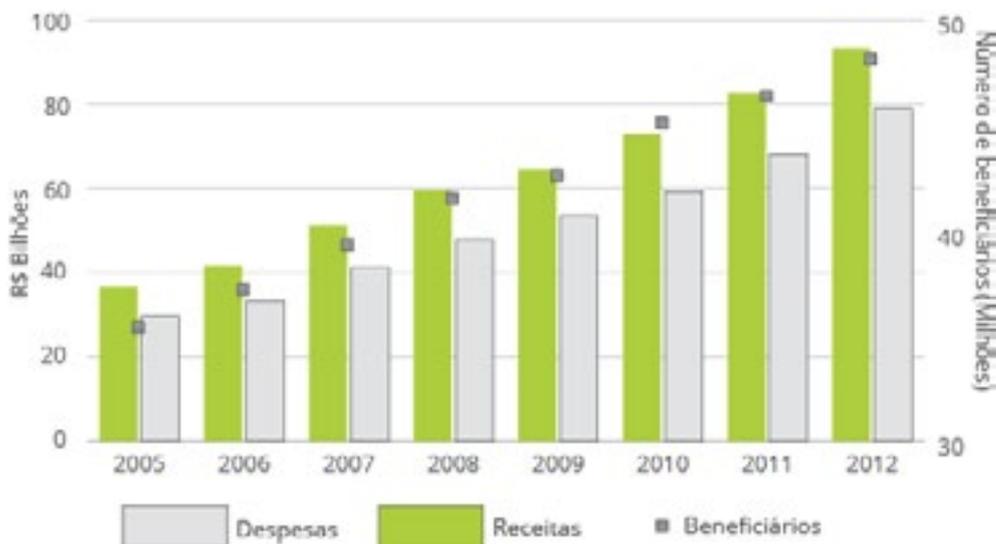
Especificamente, o setor de saúde suplementar, que é um dos elos da cadeia produtiva da saúde, teve grande participação nesse crescimento, sendo assim uma parte importante do setor de saúde brasileiro. Nesse mesmo período (2005-2009), as despesas assistenciais dos planos médico-hospitalares cresceram 80,0%,

atingindo R\$ 54 bilhões e as receitas, 76,5%, atingindo R\$ 64 bilhões (Gráfico 2). Esse crescimento foi muito influenciado pelo aumento do número de beneficiários dos planos de saúde (20,2%) no período. Ao considerar os dados mais recentes, observa-se que o crescimento entre 2005 e 2012 foi de 154,9% para as receitas, 166,0% para as despesas e 35,6% para os beneficiários.

NOTAS DE RODAPÉ:

¹ A Conta Satélite de Saúde com dados referentes a 2007-2009 é a mais recente divulgada pelo IBGE.

GRÁFICO 2: RECEITAS, DESPESAS ASSISTENCIAIS E NÚMERO DE BENEFICIÁRIOS, 2005-2012.



Fonte: Contas-Satélites de Saúde/IBGE 2005-2007 e 2007-2009.

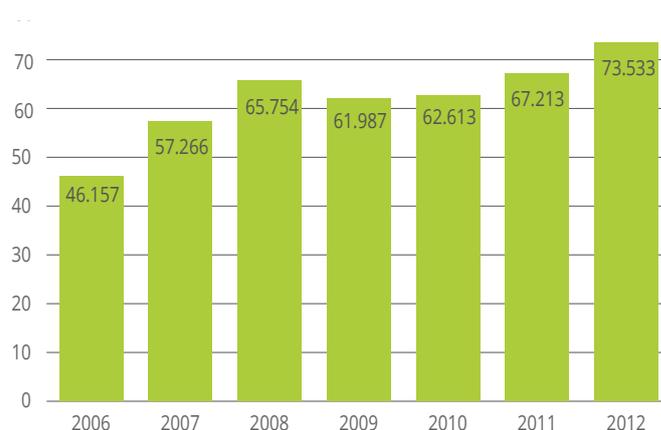
CRIAÇÃO DE EMPREGOS DIRETOS

Como consequência desse desempenho, o número de ocupações no setor também tem crescido. A participação dos postos de trabalho das atividades de saúde passou de 4,3% do total das ocupações em 2005 para 4,5%, em 2009 (Contas Satélite de Saúde 2005-2007 e 2007-2009/IBGE) (Gráfico 1). No período de 2007 a 2009 (período disponível da Conta-Satélite de Saúde/IBGE), as remunerações das atividades do setor de saúde atingiram, em média, 7,8% das remunerações do total da economia.

Como parte integrante importante da cadeia produtiva da saúde, o setor de saúde suplementar também tem apresentado crescimento do número de ocupações. Considerando apenas o setor dos planos de saúde², de 2006³ a 2009,

o número de ocupações diretas formais cresceu 34,3%, passando de 46,2 mil para 62,0 mil (Cadastro Geral de Empregados e Desempregado).

GRÁFICO 3: NÚMERO DE OCUPAÇÕES DIRETAS FORMAIS EM PLANOS DE SAÚDE, 2006 A 2012.



Fonte: RAIS/MTE.

NOTAS DE RODAPÉ:

² CNAE Classe 6550-2/00 – Planos de Saúde: esta classe compreende os planos com cobertura de riscos, parcial ou total, na área de assistência à saúde (médico-hospitalar e odontológica) comercializados pelas empresas de Medicina de Grupo, Cooperativas Médicas, Sistemas de Autogestão e Empresas de Administração.

³ Não há dados disponíveis para 2005.

dos - Caged) (Gráfico 3). Em 2012 esse número chegou a 73,5 mil, acumulando um crescimento de 59,3%. O número de ocupações formais, considerando todos os setores da economia, cresceu 17,2% entre 2005 e 2009, e 35,0% no acumulado até 2012.

Ressalta-se que o número de ocupações na Saúde Suplementar pode ser ainda maior, dado que esse setor tem ainda potencial de criação de empregos indiretos nos setores relacionados, que não podem ser identificados a partir dos dados do Caged.

Destaca-se que nos países desenvolvidos da OCDE a participação do setor de saúde no mercado de trabalho é ainda mais acentuada, pois a participação da ocupação do complexo da saúde no total de ocupações alcançou 10,1%, em média, em 2009 (Dedecca, 2013). Em 1970, 5,5% do total de empregos civis nos Estados

Unidos era no setor de saúde. No ano de 2002, esse número passou a ser de 9,3% do total de empregados, o que significava na época aproximadamente 12,6 milhões de pessoas trabalhando no setor (Silva, 2009).

Considerando a dinâmica demográfica de envelhecimento da população e a experiência de países mais avançados, existe uma tendência de ampliação das pressões sobre a ampliação da capacidade do setor de saúde brasileiro, público e privado, que demandará o crescimento de novas modalidades de ocupações condizentes com a nova realidade demográfica, como o atendimento de saúde domiciliar ao idoso.

Nesse sentido, o setor saúde constitui um complexo importante na economia, pois gera oportunidades de investimento, renda e emprego, além de cumprir seu objetivo essencial de fornecer assistência à população.

NÍVEL DE ATIVIDADE

No 4ºtri/2013, o PIB cresceu 2,3% no acumulado do ano (Gráfico 4) e 0,7% em relação ao trimestre anterior. O desempenho positivo no acumulado de 2013 foi verificado em todos os setores produtivos, com destaque para a Agropecuária, que apresentou crescimento de 7,0%. Esse resultado contrasta com a queda de 2,1% no PIB desse setor em 2012.

O desempenho do setor de Serviços foi positivo, com crescimento de 2,0% no acumulado do ano. Essa variação foi ligeiramente inferior à apresentada em 2012 (2,3%). A Indús-

tria, por sua vez, apresentou recuperação em 2013, crescendo 1,3% no ano, contrastando com a retração de 0,8% em 2012. De acordo com o IBGE, um dos principais fatores para o crescimento industrial foi aumento do consumo residencial de energia elétrica que impulsionou o crescimento da atividade de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (2,9%). Outras influências positivas vieram da construção civil e da indústria de transformação, que cresceram ambas 1,9% em relação a 2012. Por outro lado, a indústria extrativa mineral acumulou queda de 2,8%.

GRÁFICO 4: CRESCIMENTO ACUMULADO DO PIB E DOS SETORES PRODUTIVOS, 2011 A 2013.



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais/IBGE.

EMPREGO

Em dez/2014, a taxa de desocupação nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME) foi de 4,3%. Esse valor é inferior ao do mesmo mês de 2012 (4,6%). Em Jan/14, a taxa mensal se elevou para 4,8%, seguindo o movimento cíclico da desocupação, que geralmente apresenta tendência de crescimento no 1º semestre e de queda no 2º

GRÁFICO 5: TAXA DE DESOCUPAÇÃO MENSAL (%), JAN/10 A JAN/14.



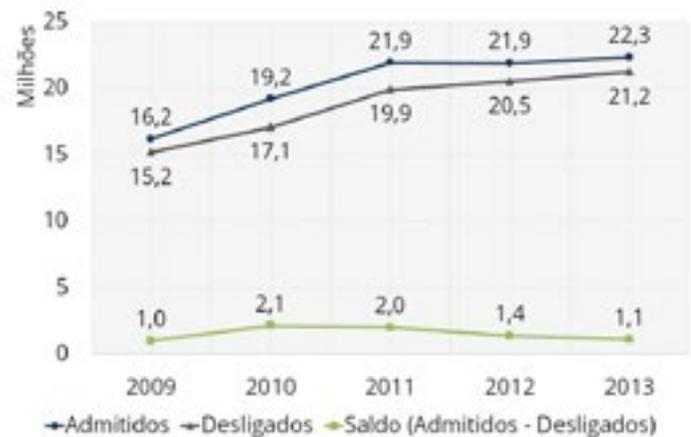
Fonte: Pesquisa Mensal do Emprego (PME), IBGE.

O setor de Serviços apresentou o maior saldo de vagas formais em 2013, totalizando 579,0 mil novos postos de trabalho (Tabela 1). Apesar de positivo, esse valor é 16,4% inferior ao de 2012. O segundo maior saldo de vagas ocorreu no Comércio, que teve saldo de 313,4 mil novos postos. Com a recuperação do crescimento da Indústria em 2013, esse foi o único setor que gerou saldo de postos de trabalho superior ao de 2012: 136,0 mil em 2013 contra 114,3 mil em 2012 (crescimento de 18,9%). Na Construção civil o saldo foi de 103,5 mil, e na Agricultura houve mais desligamentos do que admissões (-6,5 mil).

semestre (Gráfico 5).

Apesar da baixa taxa de ocupação em relação à série histórica da PME, a criação de postos de trabalho tem sido menor a cada ano. Em 2013, foram gerados 22,3 milhões de vagas formais, mas também houve 21,2 milhões de desligamentos, resultando num valor líquido de 1,1 milhões de vagas formais (Gráfico 6). Esse saldo é 20,5% inferior ao de 2012 e o menor desde 2009.

GRÁFICO 3: NÚMERO DE OCUPAÇÕES DIRETAS FORMAIS EM PLANOS DE SAÚDE, 2006 A 2012.



Fonte: CAGED/MTE.

TABELA 1: SALDO LÍQUIDO DE CRIAÇÃO DE EMPREGO POR SETOR ECONÔMICO EM 2013 E VARIAÇÃO 2012-2013.

Setor	Saldo líquido 2013	Variação 2012/2013
Indústria	135.994	18,9%
Construção Civil	103.539	-34,0%
Comércio	313.401	-22,2%
Serviços	579.053	-16,4%
Agropecuária	-6.553	-206,5%
Total	1.125.434	-18,0%

Fonte: CAGED/MTE.

EMPREGOS DIRETOS EM PLANOS DE SAÚDE

O setor de saúde suplementar gera inúmeros empregos todos os anos. Contudo, não é possível analisar o número agregado do setor, dado a ampla gama de ocupações indiretas geradas e as divergências quanto à composição em termos de setores CNAE. Mesmo assim, o número de empregos diretos gerados pelos planos de saúde podem dar uma ideia da dinâmica do mercado de trabalho do setor.

Os planos e seguros de saúde (Cnae 2.1 – 6550-2 e 6520-1, respectivamente) geraram, em 2013, 24.575 novos postos de trabalho formais e desligaram 21.713 empregados, o que resultou num saldo positivo de vagas formais de 2.862. Esse saldo representa uma redução de 1,8% em relação a 2012. Esse desempenho acompanha o mercado de trabalho que tem gerado saldos positivos de vagas formais, no entanto em ritmo decrescente.

RENDA

Em 2013, o rendimento médio real da população ocupada apresentou crescimento acumulado de 1,8% (Gráfico 7), sendo essa variação inferior à de 2012 (4,1%). O valor real do rendimento médio em dez/13 foi de R\$ 1.979,14, 3,2% superior a dez/12. Regionalmente, o rendimento da população ocupada, na comparação com dez/12, teve alta nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro (7,3%), Porto Alegre (5,9%), São Paulo (3,7%) e Recife (1,7%). Declinou em Salvador (10,5%) e em Belo Horizonte (0,7%).

A modalidade de trabalho que teve o maior aumento acumulado de rendimento médio em 2013 foram os trabalhadores sem carteira assinada (5,6%). O rendimento médio dos trabalhadores com carteira assinada teve aumento de 2,1%, dos trabalhadores por conta própria de 1,3% e dos funcionários públicos de 0,5%.

GRÁFICO 3: NÚMERO DE OCUPAÇÕES DIRETAS FORMAIS EM PLANOS DE SAÚDE, 2006 A 2012.



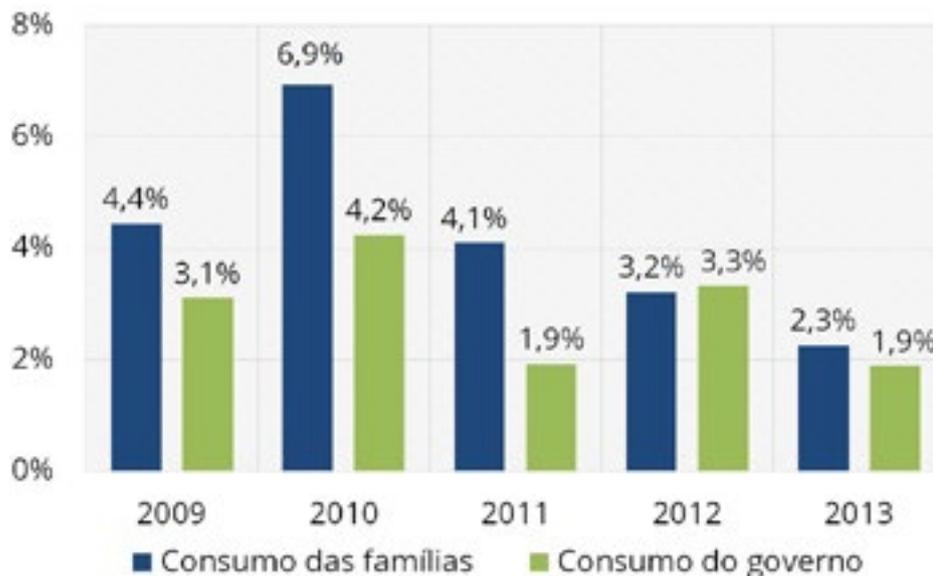
Fonte: Pesquisa Mensal do Emprego/IBGE.

CONSUMO

No 4ºtri/2013, o consumo das famílias e do governo cresceram em menor ritmo na comparação com o 4ºtri/ 2012: 1,9% e 2,0%, respectivamente, em 2013 contra 4,2% e 4,3%, respectivamente, em 2012. No acumulado de 2013, o consumo das famílias cresceu 2,3% (Gráfico 8), atingindo 61,1% do PIB. Já o consumo do governo cresceu 1,9% no acumulado do ano. Nesse tipo de comparação, o desempenho das despesas de consumo das famílias e do governo também foram inferiores ao de 2012.

Destaca-se que o crescimento da despesa de consumo das famílias em 2013 foi menor resultado desde 2003, quando o indicador caiu 0,8%. Desde 2010 essa despesa tem apresentado crescimento acumulado menor a cada ano (Gráfico 8), e um dos fatores que têm contribuído para isso é a inflação, que, de acordo com o Copom (Fev/2014), tem se mantido resistente em patamares elevados.

GRÁFICO 8: CRESCIMENTO ACUMULADO DA DESPESA DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS E DO GOVERNO, 2013.



Fonte: contas Nacionais Trimestrais/ IBGE.

INFLAÇÃO

O IPCA, que mede a inflação oficial do Brasil, teve variação acumulada em 2013 de 5,9%, patamar acima dos 5,8% de 2012. A maior influência para o aumento dos preços ao longo do ano veio do componente “Alimentos e bebidas”, que teve variação de 8,5% (IBGE).

Especificamente o grupo de saúde e cuidados pessoais teve aumento de 6,9% no ano, impulsionado principalmente pela alta nos preços das consultas médicas (11,8%) e consultas dentárias (9,7%). Os valores das mensalidades de planos de saúde tiveram alta de 8,7%.

O índice de difusão do IPCA cresceu continuamente a partir de jul/2013, atingindo o valor de 69,3% em dez/2013, indicando ampliação

do número de itens, que compõem o IPCA, que sofreram aumento de preço. Em 2012, a difusão do aumento de preços (70,7%) foi superior à de 2013.

Os preços monitorados desempenham papel importante para que a inflação não suba ainda mais. Esses preços, de acordo com o Banco Central, são insensíveis às condições de oferta e de demanda porque são estabelecidos por contrato ou por órgão público. Em jan/2014 a variação dos preços livres foi de 0,6% e a dos monitorados foi de 0,38% (Gráfico 9). Além disso, nota-se que, na Figura 6, durante a maior parte do período mostrado no gráfico a variação dos preços monitorados é menor do que da dos preços livres.

GRÁFICO 9: IPCA - PREÇOS MONITORADOS E LIVRES, VARIAÇÃO MENSAL (%), JAN/11 A JAN/14.



Fonte: Ministério da Fazenda.

CÂMBIO

No segundo semestre de 2013 o real apresentou tendência de desvalorização frente ao dólar, e a taxa de câmbio, que iniciou 2013 em R\$ 2,04, fechou o ano em R\$ 2,34 (Gráfico 10). De acordo com o Copom, na sua 181ª reunião, a depreciação e a volatilidade da taxa de câmbio são naturais e correspondem a uma correção de preços relativos, à medida que os mercados internacionais voltam à normalidade.

No entanto, a desvalorização do real constitui uma fonte de inflação, por causar aumen-

to dos preços dos produtos importados. Por outro lado, essa desvalorização pode tornar as exportações brasileiras mais baratas, gerando melhores condições de competitividade para as empresas brasileiras.

A alta do dólar não é um fenômeno exclusivo do Brasil. As taxas de câmbio da maioria dos países se desvalorizaram em relação ao dólar em 2013, especialmente as de países emergentes, evidenciando a mudança de percepção quanto ao grau de liquidez nos mercados internacionais.

GRÁFICO 10: TAXA DE CÂMBIO REAL POR DÓLAR (PTAX VENDA), JAN/13 A MAR/14.



Fonte: Bacen.

MERCADO DE JUROS E CRÉDITO

O Copom decidiu em sua segunda reunião de 2014, elevar a taxa Selic para 10,75% ao ano, dando continuidade ao ciclo de elevação da taxa iniciado em abril de 2013. As elevações consecutivas da taxa básica de juros juntamente com o menor crescimento do consumo das famílias

levaram a uma redução no ritmo de expansão do crédito em 2013.

O total de crédito do sistema financeiro, considerando as operações com recursos livres e direcionados, alcançou R\$2,7 trilhões em dez/13, acumulando expansão de 14,6% no ano, comparativamente a 16,4%

em 2012. A relação crédito/PIB atingiu 56,5% em 2013,

MERCADO DE JUROS E CRÉDITO

ante 53,8% em 2012.

A taxa de juros média para empréstimos às famílias atingiu 38,0%, após elevação de 4,1 p.p. no ano. Para empréstimos às empresas, a taxa de juros média subiu 3,4 p.p. em relação a dezembro de 2012, situando-se em 21,4%.

Com o aumento da taxa de juros, aumentou o endividamento das famílias que passou de 43,4% em dez/2012 para 45,5% em dez/2013. Apesar disso, as famílias estão pagando suas dívidas, o que resultou em queda da inadimplência de 6,5% entre dez/12 e dez/13 (Gráfico 11).

GRÁFICO 11: VARIAÇÃO EM 12 MESES DO INDICADOR SERASA EXPERIAN DE INADIMPLÊNCIA DO CONSUMIDOR - SEM AJUSTE SAZONAL (MÉDIA DE 2009 = 100), JAN/2012 A JAN/2014.



Fonte: Serasa Experian, 2014.

Síntese do cenário macroeconômico

Variável	Variação em 12 meses		
PIB	1,9%		
Variável	4ºTri/12	4ºTri/13	Δ% no período
Consumo da Administração Pública (R\$ milhões)	292.212	333.384	14,1%
Consumo das famílias (R\$ milhões correntes)	725.065	788.380	8,7%
Emprego e Renda - PME (Regiões Metropolitanas)	Jan/13	Jan/14	Δ% no período
População Ocupada (Em mil pessoas)	23.144	23.113	-0,1
Empregados com carteira assinada (Em mil pessoas)	12.613	12.777	1,3
Empregados no setor público (Em mil pessoas)	1.757	1.866	6,2
Renda média real mensal (R\$)	Jan/13	Dez/13	Jan/14
População Ocupada	1915,63	1.983,80	3,6
Setor privado com carteira assinada	1.752,28	1.792,00	2,3
Setor público	3.025,33	3.097,50	2,4
Inflação	Jan/13	Dez/13	Jan/14
IPCA (%) – Variação em 12 meses	6,2	5,9	5,6
IGP-M (%) – Variação em 12 meses	7,9	5,5	5,7
Juros e Câmbio	Jan/13	Jan/14	Δ%no período
Taxa de Juros Selic (%) - Último dia do mês	7,25	10,50	3,25 p. p.
Câmbio (R\$/US\$) - Último dia do mês	2,03	2,20	8%

SAÚDE SUPLEMENTAR EM NÚMEROS

Os últimos dados disponíveis para o setor de saúde suplementar foram os divulgados em março de 2014 (com data-base dezembro de 2013), já analisados na 2ª Edição da Saúde Suplementar em Números, em: www.iess.org.br

EQUIPE

Luiz Augusto Carneiro
Superintendente Executivo
Amanda Reis A. Silva
Pesquisadora
Francine Leite
Pesquisadora

BIBLIOGRAFIA

- IBGE:
Banco de Dados Agregados—Sidra
Contas Nacionais Trimestrais/ 1º Trimestre-2012
Pesquisa Mensal do Emprego—PME
- Banco Central do Brasil:
Sistema Gerenciador de Séries Temporais—SGS
Boletim Focus
- Ministério do Trabalho e Emprego — MTE:
Cadastro Geral de Empregados e Desempregados—Caged
Relação Anual de Informações Anuais — RAIS

IESS

**INSTITUTO DE ESTUDOS
DE SAÚDE SUPLEMENTAR**

IESS
Rua Joaquim Floriano 1052, conj. 42
CEP 04534 004, Itaim, São Paulo, SP
Tel (11) 3706.9747
contato@iess.org.br